

Resistir...: a Casa das Rosas e seus movimentos

Rita da Cruz Amorim¹ 

RESUMO

O objetivo deste artigo é escrever sobre a casa de minha avó materna que foi preservada para manutenção dessa ancestral bem como para as gerações descendentes e vizinhos. Emerge do meu olhar como mulher negra, de origem rural, enfermeira e professora de enfermagem, que na prática profissional no hospital, defende que, ao cuidar da pessoa hospitalizada, também é preciso cuidar da família/familiares que a acompanha. Frente ao exposto, as minhas pesquisas, a partir do doutorado, me levaram a refletir e pesquisar acerca da minha própria família no grupo de pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética, sendo um dos objetos a casa e, neste caso, a casa de minha avó com quem convivi até a minha adultez. É uma casa que me proporcionou a experiência do acolhimento, do cuidado para a promoção e restauração da saúde. Além disso, na atualidade, se materializa na sua concretude pelas lembranças e memórias para minha geração e para as gerações descendentes, amigos e vizinhos.

Palavras-chave: Família, Casa, Geração, Autoetnografia colaborativa.

Resisting...: The Roses' House and its movements

ABSTRACT

The purpose of this article is to write about my maternal grandmother's house that was preserved for the maintenance of this ancestor as well as for the descendants and neighbors. Emerges from my look as a black woman, of rural origin, nurse and nursing teacher who in the professional practice in the hospital, argues that when caring for the hospitalized person, it is also necessary to care for the family/ relatives accompanying. In view of the above, my research, from the doctorate, led me to reflect and research about my own family in the research group Family, (Self) Biography and Poetics, being one of the objects at home and, in this case, the house of my grandmother with whom I lived until my adulthood. It is a house that gave me the experience of hospitality, care for the promotion and restoration of health. In addition, at present, it is materialized in its concreteness by memories and memories for my generation and the generations to come, friends and neighbors.

Keywords: Family, Home, Generation, Collaborative autoethnography.

Resistiendo...: la Casa de las Rosas y sus movimientos

RESUMEN

El objetivo de este artículo es escribir sobre la casa de mi abuela materna que fue preservada para el mantenimiento de ese antepasado así como para las generaciones descendientes y vecinos. Surge de mi mirada como mujer negra, de origen rural, enfermera y profesora de enfermería que en la práctica profesional en el hospital, defiende que, al cuidar a la persona hospitalizada, también hay que cuidar de la familia/familiares que la acompañan. Frente a lo expuesto, mis investigaciones, desde el doctorado, me llevaron a reflexionar e investigar sobre mi propia familia en el grupo de investigación Familia, (Auto) Biografía y Poética, siendo uno de los objetos la casa y, en este caso, la casa de mi abuela con quien viví hasta mi adultez. Es una casa que me ha proporcionado la experiencia de la acogida, del cuidado para la promoción y restauración de la salud. Además,

¹ Enfermeira pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Gerontologia pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Mestra em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Professora Titular do Departamento de Saúde (UEFS) no curso de graduação em Enfermagem e Mestrado Profissional em Enfermagem, Feira de Santana, Bahia, Brasil Rua João Martins da Silva, 831, São João, Feira de Santana, Bahia, Brasil. CEP44051-634. E-mail: rcamorim@uefs.br.



en la actualidad, se materializa en su concreción por los recuerdos y memorias para mi generación y las generaciones futuras, amigas y vecinas.

Palabras clave: Familia, Casa, Generación, Autoetnografía colaborativa.

À GUIA DE ZOOMS PARA DENTRO E PARA FORA

Este artigo tem por objetivo escrever acerca da preservação da casa de minha avó materna após a sua morte, visando à permanência dessa ancestral para as gerações descendentes e vizinhos. Emurge das inquietações de pesquisas realizadas no grupo de pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética (FABEP), do qual sou integrante.

Inicialmente nossas observações e pesquisas aprofundaram estudos autobiográficos acerca da família, a partir do individual, ou seja, de cada uma de nós, com a realização de pesquisas e discussões conjuntas. No decurso, avançamos com a criação do método à deriva e autoetnografia colaborativa, com a escrita de textos pessoais, tendo como pano de fundo a família, primeiro lugar de cuidado, ensino e aprendizagem.

Essas produções textuais são compartilhadas no grupo FABEP por meio da leitura individual e escuta das pessoas presentes, em seguida, são feitas colaborações por meio da palavra falada e, na atualidade, pela escrita no *chat* disponibilizado pelas plataformas *google meet ou zoom*. Muitas vezes, essas colaborações promovem novas descobertas, podendo redirecionar, ou não, o processo de escrita do texto. Além disso, também descobrimos semelhanças e diferenças pessoais, culturais e políticas. Ademais, nesse processo, em grupos menores, criamos as categorias de análise e discussão dos resultados, às quais, posteriormente, retornamos para a leitura compartilhada no coletivo.

Esse processo vai do que afirma Rabinovich (2025):

[...] o método da autoetnografia descreveu como as histórias foram brotando e como, pelo fato de estarmos conjuntamente elaborando cada uma a sua própria história individual e, concomitantemente, escutando a das outras pessoas do FABEP, pudemos realizar este exercício de trazer a lente para dentro e para fora, para longe e para perto. [...] Este movimento de aproximação e afastamento resulta fundamental para que o relato alcance o tempo da biografia, além do “auto” e do etno: contexto o sócio-cultural-histórico em que ela ocorre. Dessa maneira, fomos incorporando o método da autoetnografia como uma história que pertence tanto à pessoa quanto ao mundo onde ela se movimenta, sendo tanto o processo quanto o que é produzido neste processo, no caso, um processo realizado em um grupo, referente à escrita sobre a pessoa e suas relações com a cultura, com o social e com o político (Rabinovich, 2025, p. 13).

A autoetnografia possibilita dar sentido ao vivido, às experiências e às inquietações na trajetória pessoal-profissional, agindo como uma mola propulsora, acionando a consciência





política, na qual objetos investigados se fundem e moldam os questionamentos sobre as interseções entre a pessoa, o político, o social e o cultural, promovendo rupturas de silenciamentos durante a investigação. Na singularidade, nos revelamos com e para o coletivo, o que potencializa a consciência do eu com o nós, necessária às transformações sociais (Leal, 2025).

Acerca do método à deriva, Rabinovich (2025, p. 15) esclarece que este “[...] consente em se entregar a uma viagem [...] um caminhar para dentro com as mãos dadas a todos que nos acompanharam, visíveis e invisivelmente, neste caminhar, e olhar para fora, em zooms in e out, ora aproximando, ora afastando, para frente e para trás”.

Assim, venho aprofundando os estudos sobre família e compreendendo os motivos de minhas inquietações acerca dessa categoria, os quais se iniciaram na segunda metade da década de 1980 como estudante de Enfermagem na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), quando cursei o componente curricular Enfermagem psiquiátrica, atualmente, com a reforma curricular, Enfermagem em Saúde Mental I e II (UEFS, 2022). Naquele momento, despertei para o cuidado à família no processo de internação hospitalar, à época, em estágio nas clínicas médica e cirúrgica. Essa atenção à família seguiu me inquietando no decurso da minha prática como enfermeira e como docente do curso de enfermagem no qual me formei.

Iniciei no grupo de pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética - FABEP ao cursar o doutorado no Programa de Família na Sociedade Contemporânea na Universidade Católica do Salvador - UCSal. No grupo, se apresentou a oportunidade de estudar a minha família, e não somente a família de fora. Deparei-me com ricas descobertas sobre mim mesma e a minha própria família (Amorim, 2022², 2024).

O meu “batismo” no FABEP se deu por meio do projeto “Família e poéticas da infância: relatos autobiográficos”, que resultou no livro de mesmo nome, publicado em 2013, no qual escrevi acerca de minha infância, no artigo “Montando um quebra-cabeça: um encontro com o passado e o presente do meu ser enfermeira/pesquisadora” (Amorim, 2013).

Outro projeto decisivo foi sobre a casa, a nossa casa de infância. Daquela época até os contextos atuais, venho descobrindo e sendo descoberta por meio das memórias da casa ou de minhas casas. Como mulher preta, esse grupo de pesquisa me auxilia a juntar “cacos” dos meus antepassados que são meus, tecendo a minha colcha de fuxico para que as minhas e os

² Memorial Autobiográfico apresentado à banca Examinadora como requisito para a Promoção na Carreira do Magistério Superior dos Docentes da Classe Adjunto B para Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA, conforme Resolução CONSEPE 17/2003. AMORIM, R. da C. **Memórias autobiográficas:** percurso pessoal e profissional. Feira de Santana: UEFS, 2022.





meus descendentes indiretos possam prosseguir de outro modo, ou seja, com muitos lampejos e menos borrhões nos seus vazios.

Sinto que a casa, em sua estrutura física, concreta, preenche vazios em mim, principalmente porque, quando olho para trás, percebo que somente possuo pedaços da minha ascendência, contados por meio de narrativas fragmentadas, silenciadas, narradas por poucos ascendentes, mãe e avó, às vezes por vizinhos próximos que, no decurso de contar os acontecimentos, se calam, e que seus olhares ficam distantes, quando interrogados por mim, por não saberem o que responder.

Então, quando posso visualizar a parte externa da casa, caminhar por dentro dela e rememorar as experiências, rir de muitos experimentos ocorridos, lembrar dos sabores, dos cheiros, e das poucas casas antigas de alguns dos meus antepassados, me preencho de uma sensação de presença na ausência. Na minha geração, não consigo alcançar as bisavós por meio das narrativas daquelas que nos antecederam, esse vazio seguirá comigo. Sinto que, por meio dessa casa, posso promover mudanças nas gerações descendentes, pelos diversos meios, e em especial, pelas demais casas, pois a sua concretude contará sobre nossos antepassados, e foi a partir dessa constatação que nasceu a Casa das Rosas.

A POÉTICA DO NOME DA CASA DAS ROSAS

A minha avó materna se chamava Rosa e viveu entre nós até os seus 94 anos, em 2008. Lícida, estatura baixa, parda, magra, cabelos encanecidos, muitas rugas no rosto, vaidosa – toda vez que íamos tirar uma fotografia dela ou com ela, dizia: “Deixa eu tirar os óculos”.

No seu território, ela possuía muitos nomes, mãe Rosa – para os netos e as netas e para aquelas(es) da vizinhança que, pela consideração, também era mãe Rosa –, Dona Rosa, Dindinha Rosa e Sinhá Rosa, para tantas outras pessoas da vizinhança. Os lampejos da sua ascendência na minha memória são embaçados, quase nada; por exemplo, como era o seu pai e a sua mãe, não lembro, mas lembro de suas histórias sobre os seus parentes, pareciam pessoas com alguma posse... Questiono-me, muitas vezes: como foi a casa em que ela cresceu? Essas lacunas são frutos das feridas abertas nas nossas ascendências, os parentes próximos dela com que tive/tenho proximidades foram as suas sobrinhas, todas falecidas, e o primo Presídio, muito querido nosso, mas também falecido.

Ela era uma mulher acolhedora, pariu três filhos biológicos, dois homens (mortos) e uma mulher, a minha mãe (viva), e teve uma filha adotiva (morta) por quem possuía um amor





incondicional, eram grandes parceiras de vida. Essa filha chegou à nossa família na seca de 1932 que dizimou muitas famílias no sertão baiano; a família biológica dessa filha havia saído em busca de recursos e os membros foram morrendo em consequência da fome, ficando a menina, que foi adotada por ela e por meu avô. Só a morte as separou. Faustina nos deixou em 2014.

A casa de minha avó materna acolhia a quem chegasse, os parentes e as pessoas da vizinhança, com carinho e cuidado. Era impecavelmente limpa, possuía talhas (potes) de cerâmica que reservavam água para beber devidamente cobertas com uma toalhinha branca pequena e com um prato ou objeto semelhante para segurá-la, o que nos garantia água potável fresca. Nessas talhas (potes), nós, como crianças, éramos servidas pelas pessoas mais velhas, segundo ela, para evitar contaminação.

Nessa casa, havia uma casa de farinha, lá degustávamos beijus moles, torrados, de tapioca, muitas vezes recheados com coco ralado. No quintal havia/há muitos cajueiros, mangueiras, jaqueiras e outras árvores frutíferas. Dos cajueiros, além do caju, tínhamos a castanha que colocávamos para secar ao sol; depois a minha avó as assava e nós íamos quebrando e comendo, ou ela nos oferecia prontas para comer, dentre tantas outras iguarias. Ela também ofertava alimentos para as pessoas levarem para casa, sempre em vasilhames higienizados e cobertos com toalhas de pratos limpas, com ela aprendi que todas as vezes que recebemos algum alimento de alguém em um recipiente, é de bom tom que, ao devolvê-lo, num ato de generosidade e educação, que seja com alguma iguaria... Sigo fazendo essa troca.

Na atualidade, em conversa com um vizinho idoso, ele disse: “Eu e minha mãe dormimos muitas vezes aqui na casa de mãe Rosa, fugindo da violência de meu pai. Ela também matou muito a nossa fome”. Nessa narrativa, que aconteceu numa conversa junto da fogueira de São João, se evidenciou o acolhimento de minha avó às pessoas em vulnerabilidade, e posso na memória outras situações de proteção e acolhimento que ela buscava manter em segredo. Na casa dela também inexistia discriminação religiosa, ela era católica e a minha tia candomblecista e ambas realizavam as suas práticas de modo respeitoso e colaborativo.

A sua casa era na roça, simples e sofisticada, pois possuía comida boa (frutas e legumes do próprio quintal e alimentos e bebidas preparadas de modo artesanal). Ao se gritar “Ô de casa”, a resposta era “Ô de fora”, a porta era aberta e se podia entrar. Casa sempre limpa, arrumada e um rico quintal, conforme mencionei anteriormente, com diversas árvores frutíferas, leguminosas, ervas medicinais e muitas plantas com flores, dentre elas, o jasmim. O





terreiro (quintal) da casa sempre varrido com vassoura de ouricuri (pindoba) confeccionada por ela própria, ou doação de vizinhas.

As flores de jasmim alastravam-se pelo terreiro limpinho, o seu cheiro inebriava os sentidos de quem chegasse perto. Era um quintal com segredos, pois ela colhia folhas para rezar, principalmente de “olhado” e do “vento caído”; muitas crianças e adultos lhe procuravam para serem rezados e assim melhorarem dos sinais e sintomas apresentados. Quando a pessoa a procurava para rezar de olhado, ela relatava indisposição e sonolência. No caso de a criança com “vento caído”, apresentava-se hipoativa (sem energia), com diarreia e muitas vezes vômito. Para ambos os casos, se repetia o ritual por três dias consecutivos e se dava alta.

Encontro semelhanças entre o quintal dela e o artigo intitulado *No quintal de dona Rami tem saberes, segredos e história*, quando Silva e Souza (2022), descrevem que

[...] o quintal de D. Rami tinha saberes, segredos e história. E, de fato, o ‘quintal’ era de uma considerável variedade de plantas medicinais. Do fogão à lenha, chegavam um cheiro de chá – era capim-santo, brincando em nossas narinas. Já na sala de aula, fui surpreendida com o relato confissão de alguns (mas) educandos (as) sobre já terem sido rezados (as) por D. Rami, ou seja, tratava-se de algo não ‘estranho’ a eles(elas), no entanto, ‘silenciado’... será pelo fato de ser uma prática originária da cultura afrobrasileira? A minha (nossa) hipótese é: sim (Silva; Souza, 2022, p. 43, grifos dos autores).

Pois assim era a casa de minha avó. Nela experienciei as primeiras expressões de fé, a exemplo de ser “rezada de olhado”, naqueles dias que chegava e contava para ela que me sentia cansada, sem energia, assim como o altar com santos católicos, pedras, fotografias de família..., das rezas, das velas, da importância de fazer promessas aos Santos e Santas; e quando alcançávamos a graça, pagá-las, geralmente acendendo vela e fazendo uma oração (Amorim, 2024).

Em maio de 2014, com a morte de Faustina, a casa ficou vazia. Algumas vezes, foi emprestada para trabalhadores que vinham de outras localidades para trabalhar na região, mas, com o pouco uso, foi se deteriorando. Fui diversas vezes à casa de mãe Rosa em busca de tronco de árvore morta para fazer tábua e observar as condições internas da casa.

Em uma dessas visitas, olhando para as árvores do quintal, algumas com frutos, outras com flores, pensei: esse lugar está vivo e precisa de mais cuidado, ali eu compreendi a necessidade da reforma. Então, nasceu a certeza de que a casa antiga precisava ser preservada, falei com algumas pessoas da família e amigos e a maioria concordou comigo, outras não se





pronunciaram e, obviamente, existiu também quem discordou, e assim nasceu a reforma da casa, hoje nominada Casas das Rosas.

À GUIA DE (IN)CONCLUSÕES

A casa das Rosas plantou em mim a “semente da árvore do acolhimento”, que nasceu e segue crescendo com o cuidado de irrigar e de fertilizar permanentemente, pois, dentro dessa casa, tive a experiência da generosidade, do compartilhamento, da coragem, da beleza, da proteção, do cuidado para a promoção e restauração da saúde na convivência com as moradoras.

Essa árvore está em mim como pessoa e como profissional – mulher negra, enfermeira e professora –, que entrelaça educação e cuidado, buscando manter um olhar atento para mim e para o/a outro/a, notadamente, o/a estudante, não somente de Enfermagem, mas todos/as que interagem comigo no seu processo de formação, assim como as pessoas e as famílias que buscam o cuidado profissional em momentos de promoção à saúde ou de adoecimento, visando à restauração da saúde.

Desse modo, a experiência de ver a Casa das Rosas viva, restaurada, é motivo de alegria para mim e para muitas pessoas da comunidade e a certeza de que a minha geração e as futuras gerações da minha família e também dos (as) vizinhos (as) terão, não somente nas suas memórias, as lembranças dessa mulher ancestral que, em alguma medida, nos fortalecerá rumo ao futuro, pois não somente narrará um passado, mas terá a concretude por meio da casa para produzir suas narrativas contadas e materializadas. Acredito que essa restauração poderá estimular outras pessoas do território a preservar as casas de suas famílias pelas lembranças, pelas memórias e pela beleza emergentes daqui adiante.

REFERÊNCIAS

AMORIM, R. da C. Montando um quebra-cabeça: um encontro com o passado e o presente do meu ser enfermeira/pesquisadora. In: RABINOVICH *et al.* (org.). **Família e poéticas da infância**: relatos autobiográficos. Curitiba: Juruá, 2013, p. 125-131.

AMORIM, R. da C. Três altares. In: ALMEIDA, C.V.A.; SILVA, D.L.A. da; RABINOVICH, E. P (org.). **Religião e religiosidade**: o releger e o religar em família. Curitiba: Appris, 2024, p. 227-229.

AMORIM, R. Memórias (auto)biográficas de uma enfermeira no exercício docente: percurso pessoal e profissional. **Revista Ouricuri**, Brasil, v. 14, n. 1, p. 102-113, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/view/18825>. Acesso em: 27 jun. 2025.





LEAL, T.C.M. A AUTOBIOGRAFIA NA AUTOETNOGRAFIA: a consciência de si. In: RABINOVICH, E.P.; SILVA, D.L.A. da. (org.). **Teoria e prática da autoetnografia colaborativa a deriva**. São Paulo: CRV, 2025. p. 25-28.

RABINOVICH, E. P. SOBRE AUTOBIOGRAFIA, POÉTICA E AUTOETNOGRAFIA: o método. In: RABINOVICH, E.P.; SILVA, D.L.A. da. (org.). **Teoria e prática da autoetnografia colaborativa a deriva**. Parte I, São Paulo: CRV, 2025. p. 19-24.

SILVA, A. M. A. da; SOUZA, A. J. de. RELATO DA AULA: no quintal de dona rami tem saberes, segredos e história. In: GAYO, Clarice E.; SATLER, Carla F. da Silva (org.). **Ensinar História: Etnicidades**. Rio de Janeiro: Proj. Ori./Ed. Esp. Sobre Ontens/UERJ, 2022. p. 40-45.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - UEFS. Colegiado do Curso de Enfermagem. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem**. Feira de Santana: UEFS, 2022.



Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 12/08/2025	Received on: 12/08/2025
ACEITO EM: 20/10/2025	Accepted in: 20/10/2025
Publicado em: 04/02/2026	Published on: 04/02/2026
Conflitos de Interesse A autora declarara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	Interest conflicts The author declares that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT AMORIM, Rita da Cruz. Resistir...: a Casa das Rosas e seus movimentos. Revista Macambira , Serrinha (BA), Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102008. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1742	How to cite this article - ABNT AMORIM, Rita da Cruz. Resisting...: The Roses' House and its movements. Revista Macambira , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102008. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1742
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhável 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	Use license The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any medium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.

Código de campo alterado